

O COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO
(V.^a V.^a DE RÓDÃO - NISA): PRIMEIRAS HIPOTHESES
E PROGRAMA DE TRABALHOS (*)

Por

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO, FRANCISCO DE SANDE LEMOS, JORGE PINHO
MONTEIRO, MARIA DE LOS ANGELES QUEROL, SUSANA DE OLIVEIRA
JORCE e VÍTOR DE OLIVEIRA JORGE

1. A DESCOBERTA DA ESTAÇÃO DE FRATEL E AS PROSPECÇÕES
DESDE ENTÃO REALIZADAS

Desde os inícios de 1971 que têm funcionado, numa sala do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, gentilmente cedida pelo seu Director, Professor Doutor D. Fernando de Almeida, os trabalhos de uma jovem equipa de investigação: o «Grupo para o Estudo do Paleolítico Português». Propusera-se tal Grupo realizar uma prospecção sistemática das formações quaternárias do território metropolitano português, com vista à determinação do seu interesse em termos de Pré-história. O interior do país, menos explorado, seria a esse respeito particularmente importante e, assim, na sucessão de outros trabalhos de campo realizados no litoral, o Grupo aceitou a sugestão de um dos seus membros (F.S.L.) para se deslocar à região de Fratel, no vale do Tejo, efectuando aí mais uma série de pesqui-

(*) Este texto constitui o resumo do artigo *O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (V.^a V.^a de Ródão — Nisa) Notícia preliminar*, inserto na revista «Arqueologia e História», da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

sas. Tal zona oferecia a vantagem de dispor de alguns estudos geológicos da autoria dos Professores Orlando Ribeiro e Carlos Teixeira, capazes de fornecer um enquadramento àqueles trabalhos arqueológicos.

Estes tiveram lugar nos finais de Outubro de 1971, e levaram quatro dos signatários (Francisco S. Lemos, Jorge P. Monteiro, Maria Querol e Susana O. Jorge) à detecção de várias jazidas líticas. Não seriam porém esses os resultados mais importantes desta campanha. Seguindo uma sugestão do etnólogo Dr. Paulo Caratão Soromenho no sentido de visitarem um local das margens do Tejo, próximo da Estação de C. F. de Fratel, onde se dizia existirem certas «pedras escritas», aqueles membros do G.E.P.P. viriam a descobrir (em 31 de Outubro de 1971 e no dia seguinte) a estação rupestre do Fratel, primeira do importante complexo em estudo.

Uma segunda visita, desta vez de toda a equipa constituída pelos signatários ⁽¹⁾, foi efectuada nos fins de Novembro, e permitiu a ampliação dos primeiros elementos colhidos em Outubro (fotografias, decalques, moldagens); nestes se basearia a comunicação do achado à Junta Nacional da Educação, feita em Dezembro, e acompanhada de um pedido de autorização para o estudo da estação, deferido por aquela entidade em 13 de Janeiro de 1972.

Tal estudo tornava-se urgente. Na realidade, a estação encontrava-se na área da futura albufeira da barragem do Fratel, área que abarcará um troço do leito do Tejo situado entre a barragem e a desembocadura do rio Sever, e será inundada a partir do Verão de 1973. Por isso começámos desde logo a dar à descoberta a divulgação que merecia, quer em jornais e revistas portuguesas e estrangeiras ⁽²⁾, quer através de variadas reuniões efectuadas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (a que se dignaram assistir, entre outros, o seu Director, Prof. D. Fernando de Almeida, e o Dr. Manuel Farinha dos Santos),

⁽¹⁾ E. C. Serrão, com quem o G.E.P.P. havia efectuado prospecções no concelho de Sesimbra em 1971, foi convidado, para colaborar no estudo da estação de Fratel, pela equipa que a detectou.

⁽²⁾ Consulte-se, por exemplo, «Diário de Notícias» de 20/1/1972, «Times» (Londres) de 21/1/1972, «New York Herald Tribune» de 21/1/1972, «Le Soir» (Bruxelas) de 28/1/1972, «Época-Juvenil» de 2/2/1972, «Portugal -Faits et Documents» (Lisboa), de Fevereiro de 1972.

quer de palestras (em Maio, para os alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, graças à amabilidade do Dr. Luís de Matos) e comunicações (à Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, também em Maio). Esta expansão tinha dois objectivos: por um lado, escorar um pedido de subsídio para trabalhos a realizar no Verão de 1972; por outro, obter colaboradores para os mesmos, entre as pessoas que pelo caso se interessassem.

Entretanto, e porque ainda se não conhecia a real extensão da estação do Fratel, fomos realizando várias prospecções, as quais levaram à detecção, em 5 de Maio, de uma nova estação de arte rupestre, a de Chão da Velha (dividida em dois núcleos, Chão da Velha jusante e Chão da Velha montante), a cerca de 4 Km. para jusante da de Fratel; e, ainda, à detecção de outros grupos de petróglifos na zona intermédia, entre os quais o da Cascalheira do Tejo (*Vide fig. 1*).

Durante esses trabalhos chegou ao nosso conhecimento uma notícia alarmante: a barragem de Fratel entraria em breve em fase experimental de funcionamento, submergindo já alguns grupos de gravuras. Pedimos, assim, um subsídio de emergência ao Ministério da Educação Nacional, que nos foi concedido, e cuja utilização permitiu a ampliação das prospecções, levando à delimitação rigorosa da estação de Fratel e à descoberta, em 25 de Junho de 1972, de um novo conjunto de gravuras a cerca de 500m. para jusante da barragem de Fratel (margem direita), bem como de duas circunferências isoladas a leste das Portas do Ródão, a aproximadamente 2,5 Km. para montante da desembocadura da ribeira de Fivenro (margem esquerda).

Desde finais de Junho até ao presente, as prospecções têm prosseguido na região, ampliando cada vez mais a área deste vastíssimo complexo de arte rupestre.

2. O SUPORTE DOS PETRÓGLIFOS: CARACTERÍSTICAS GERAIS E CONDIÇÕES GEOLÓGICAS DA SUA FORMAÇÃO

As gravuras do complexo rupestre do Tejo foram realizadas em bancos xisto-grauváquicos que se encostam, umas vezes, à margem esquerda, outras, à margem direita do rio. A superfície de tais

bancos apresenta-se irregular, muitas vezes mesmo caótica, não deixando, porém, de possuir numerosas plataformas lisas, de dimensões diversas, horizontais ou de leve inclinação, normalmente patinadas de castanho-avermelhado. São estas plataformas que, regra geral, foram escolhidas como suporte dos petróglifos.

De um ponto de vista geológico, os bancos xisto-grauváquicos em causa integram-se na plataforma xistosa da Beira Baixa e datam do período ante-ordovícico (cf. «Carta Geológica de Portugal» na escala de 1/50.000, folha 28 D). A sua cor original é o cinzento-antracite; em contacto com a atmosfera, porém, tomam então a cor castanho-avermelhada referida. Os bancos dispõem-se em três faixas, em *escada*, e paralelamente ao rio.

A primeira, que por estar mais próxima das águas do Tejo é, por elas, coberta com frequência, encontra-se tapada por fina camada de lama, sendo, portanto difícil encontrar as gravuras que aí possam existir.

O rio poucas vezes cobre a segunda faixa. Assim, as *plataformas* lisas formadas pela erosão, escolhidas pelos autores dos petróglifos para produzir as suas *obras de arte*, são aquelas que nos forneceram maior número de documentos.

À terceira faixa, por ser a mais elevada, raras vezes chegam as águas do Tejo; está coberta por líquenes que escondem, ou destruíram as gravuras que eventualmente aí tivessem sido produzidas.

3. AS GRAVURAS : TÉCNICA DE PRODUÇÃO E PRINCIPAIS MOTIVOS

As nossas conclusões neste capítulo (a que já nos autoriza a observação de cerca de 400 formas, quer no campo quer através de fotografias) têm de se restringir por ora a um grau de grande generalidade, situando-se ao mesmo tempo a um nível empírico, só superáveis quando se proceder ao estudo analítico, sistemático, deste complexo de arte rupestre. Visam elas, apenas, fornecer uma primeira ideia sobre a riqueza dos motivos neste complexo representados.

a) A única técnica até hoje detectada nas gravuras do Tejo é a *picotagem*, pelo que as podemos considerar litostícticas, na terminologia de Santos Júnior (1). A rocha era picada com um instrumento aguçado na extremidade, provavelmente percutido por um outro, que exercia as funções de martelo, conseguindo-se assim, pela ablação de sucessivas lascas, criar as linhas ou as manchas definitórias das figuras, conforme estas fossem esboçadas apenas pelo contorno, ou a cheio.

Esta técnica uniforme apresenta no entanto diversas variantes, que classificámos provisoriamente em quatro grupos principais, de acordo com a diferente combinação da *profundidade* e da *distância* entre os negativos, na mesma linha. Assim, temos *negativos profundos e contíguos*, *negativos profundos e separados*, *negativos pouco profundos e contíguos* e *negativos pouco profundos e separados*; por vezes, como nos dois últimos casos, duas destas variantes da técnica estão presentes na mesma gravura.

b) Listemos, agora, os principais motivos que a análise morfológica prévia das gravuras do Vale do Tejo nos permitiu definir, e que também dividimos em três grupos genéricos, assim hierarquizados por ordem decrescente de quantidades:

1.º Motivos geométrico-Simbólicos (V. figs. 5 a 7):

a) *Formas que têm por base a circunferência ou o círculo:*

Circunferências; semi-circunferências; círculos com o interior totalmente preenchido a ponteados; semi-círculos com o interior totalmente preenchido a ponteados; círculos cuja área apresenta um ou vários pontos inscritos; circunferências com os raios ou diâmetros marcados, estes últimos formando, por vezes, uma cruz; circunferências inscritas que, por vezes, podem ser concêntricas.

(1) Cf. *As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica)*, p. 118.

b) *Formas circulares raiadas:*

Com raios externos, cujo número varia entre um e dezasseis; com raios que se vão unir num ponto interior; duas circunferências inscritas, excêntricas, tendo, a maior, raios externos; duas circunferências concêntricas tendo a maior raios externos; duas circunferências concêntricas com raios divergindo da interior; duas circunferências concêntricas com raios externos que se vão juntar num ponto do interior da inscrita.

c) *Formas que têm por base a espiral.* A sua irregularidade aumenta com as dimensões. Por vezes combinam-se com figuras meândricas.

d) *Formas com base em meandros.*

e) *Circunferências unidas por linhas, curvas ou rectas.*

f) *Combinações de linhas rectas.*

g) *Linhas fechadas curvas de forma irregular.*

2.º Motivos zoomórficos (V. figs. 8 a 15) :

O carácter naturalista das representações deste grupo permite a distinção de figurações de *capríneos*, *cervídeos*, *canídeos* e de um *ursídeo*; outros motivos são já, porém, de mais difícil identificação, podendo tratar-se, conforme os casos, de representações de *bovíneos*, de *cervídeos* e de *capríneos* novos. Entre os *capríneos* podemos distinguir dois exemplares do sub-género *Ibex*, já extinto na região, podendo mesmo aventar-se a hipótese de se tratar da espécie *Capra ibex* (actualmente acantonada nos Alpes), atendendo à curvatura e às dimensões dos chifres.

Estas representações animalísticas apresentam sempre as cabeças definidas a cheio, podendo os corpos estar indicados pelo simples contorno, a cheio, ou ainda através do contorno e de alguns pontos no

interior. Algumas são incompletas, o que pode dever-se à acção de agentes naturais (fracturas, líquenes) ou ao facto de terem sido assim mesmo gravadas pelos autores dos petróglifos, com finalidades que desconhecemos.

3.º Motivos antropomórficos (V. figs. 16 a 20):

Entre estes, uns são esquemáticos, outros têm uma certa tendência naturalista. Nos motivos antropomórficos esquemáticos distinguimos os que utilizam apenas a linha recta, e os que combinam linhas rectas e curvas; estão neste último caso, por exemplo, figuras «arborescentes» ou «ancoriformes» presentes também nas pinturas do abrigo de N.ª S.ª da Esperança (Portalegre) e em numerosas estações espanholas. Existem ainda, no complexo em estudo, prováveis esquematizações da figura humana que têm por base a circunferência, difíceis de apartar, por ora, do grupo dos geométrico-simbólicos.

Adentro do sub-grupo dos antropomórficos com tendências naturalistas, pode desde já destacar-se figurações de homens com os braços erguidos («orantes»), suportando frequentemente um círculo sobre a cabeça.

4. CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL, CRONOLÓGICA E COROLÓGICA: UMA PROPOSTA

Por muito precoce que possa parecer tentarmos interpretar, desde já, o complexo de arte rupestre do Tejo, visando os objectivos postos no título deste capítulo, impõe-se fazê-lo; só assim, mesmo dispondo-se ainda de tão escassos elementos para tal, o seu significado, nas três dimensões que estão em causa, se esboçará como indispensável ponto de apoio inicial conseguido num primeiro momento da investigação. E, à medida que o processo de estudo se for desenvolvendo, o vulto inicialmente indefinido e incompleto desta equação arqueológica, ir-se-á perfigurando com maior nitidez, num processo auto-corrector que possa, em cada momento, precisar horizontes e vias de pesquisa.

Praticamente, só poderemos recorrer às contribuições que outras estações de arte rupestre já classificadas nos possam prestar, pela semelhança dos motivos e seu estilo, técnica de produção e posição geográfica (hipótese de um mais amplo complexo de arte rupestre, conhecido e bem estudado, no qual o do Tejo possivelmente se enquadre); mas fazendo-o, não deveremos perder de vista as limitações do sistema, que estão: na falibilidade da simples *semelhança* para solução de incógnitas de tal transcendência; na insuficiência dos modelos a que recorremos (descrições e iconografia), uma vez que não pudemos ainda deslocarmo-nos às estações que oferecem elementos paralelos; na tendência em se isolar arbitrariamente motivos ou grupos de motivos para efeitos de comparações aliciantes.

Incluindo-se, por hipótese, o complexo do Tejo na área de dispersão do círculo de arte rupestre galaico-português — embora situado numa das suas zonas periféricas —, obviamente que ocorrerá averiguar quais as conclusões a que chegaram os investigadores ⁽¹⁾ que ao estudo de tal círculo se têm dedicado. Ora, nós dispomos precisamente de um trabalho de Emmanuel Anati (1967) no qual o investigador ensaia a seguinte periodização:

— *fase arcaica*, que parece derivar da fase tardia da arte parietal paleolítica das grutas cantábricas, situando-se provavelmente entre 6000 e 3500 a.C.;

— *fase estilizado-dinâmica* que derivará da anterior por gradual evolução, correspondendo cronologicamente ao Neolítico (4.º milénio e final do 3.º a.C.);

— *fase dos ídolo e punhais*, em cujos motivos se nota a influência de um movimento ideológico-religioso, cujos elementos de base estariam no Sul da França e Norte da Itália; corresponderá ao Calcolítico e primeira metade da Idade do Bronze, abrangendo o período situado entre 2100 e 1500 a.C.;

— *fase dos círculos e linhas*, essencialmente não figurativa, do Bronze médio e final (1500 a 900 a.C.);

(¹) Leite de Vasconcelos, Vergílio Correia, Rui de Serpa Pinto, Mendes Corrêa, Abade do Baçal, Santos Júnior, Abel Viana, Henri Breuil, Obermaier, Sobriño-Buhigas, Emmanuel Anati, etc.

— *fase dos motivos geométrico-simbólicos*, tomada como prosseguimento da anterior, durante a qual a esquematização atinge o máximo; vincular-se-ia à Idade do Ferro peninsular e abrangeria o período entre 900 e 100 a.C.

Se examinarmos atentamente as características propostas por Anati para a definição dos petróglifos das cinco fases de arte rupestre do complexo galaico-português, e analisarmos o significado dos motivos do vale do Tejo, isolados ou em conjuntos, assim como os respectivos estilos, sentir-nos-emos tentados a incluí-los na 2.^a, 4.^a e 5.^a fases. Na realidade, faltam-nos os principais sintomas característicos da 1.^a fase (por exemplo, cavidades que lembram as pegadas de animais artiodáctilos, representações animalísticas executadas em grandes dimensões), assim como da 3.^a fase (punhais e símbolos idoliformes: a face oculada e a estátua-menir). No vale do Tejo, vemos sim os petróglifos zoomórficos de pequenas dimensões, assim como os círculos (estes extraordinariamente abundantes), ou combinados com os motivos zoomórficos, ou com linhas de formas diversas em conjuntos de significação indefinida. As espirais são também frequentes. Por seu turno, as gravuras antropomórficas, que aliás são raras no vale do Tejo, foram, de forma predominante, delineadas unidimensionalmente, em oposição (como acontece na 2.^a fase de Anati) ao que se passa com os símbolos zoomórficos, os quais são representados a duas dimensões.

Se estes conceitos não forem alterados pelos elementos que novos achados nos possam proporcionar, ou até se os pontos de vista de Emmanuel Anati não sofrerem rectificações, a fase mais antiga do complexo de arte rupestre do vale do Tejo datará de um momento do Neolítico difícil de definir por enquanto. A tradição de insculpir símbolos nestes bancos xistosos ter-se-ia mantido até ao apogeu do Calcolítico. Depois de um período de meio milénio que representa, ao que parece, uma solução de continuidade nesse processo paleo-antropológico, as populações da região teriam voltado a utilizar tais bancos para as suas práticas litolátricas; este último período, ao qual corresponderá a maioria dos petróglifos, ter-se-ia processado entre os meados do 2.^o milénio a.C. e o início do 1.^o século a.C.

A grande abundância de petróglifos circulares (simples, concêntricos, raiados ou não, etc.) sugere-nos com certa legitimidade — e apoiando-nos em hipóteses formuladas a propósito de outros complexos de arte rupestre europeus — que estes símbolos sejam manifestações de arcaicos cultos heliolátricos praticados intensivamente nos bancos xistosos do Tejo. Equiparáveis conjecturas são-nos apresentadas frequentemente pelos especialistas (E. Anati, Anders Hagen, Peter Gelling e Hilda Davidson, Raadonikas, entre outros) que estudaram os petróglifos de Val Camonica, do Mont Bego, das regiões escandinávicas e da Rússia setentrional (Lago Onega e Mar Branco). No primeiro dos referidos complexos, onde as composições consideradas de culto solar excedem a centena, o Sol parece estar representado de diversas formas, todas derivadas do círculo (como na Suécia, Noruega e Dinamarca). Em Camonica as mais antigas gravuras que evocam a heliolatria datam, segundo Anati, dos últimos séculos do III.º milénio a.C., sendo o Sol representado por um só disco junto de um orante (no vale do Tejo há alguns exemplares, aliás raros, de figurações antropomórficas na atitude de orantes), ou de um sinal abstracto.

Por sua vez, a associação de símbolos zoomórficos a círculos, evoca um complexo de cultos zoo-heliolátricos. Tanto no Monte Bego como em Camonica, esta associação é frequente, tendo nós verificado que no Tejo raros são os símbolos zoomórficos que não se apresentam acompanhados de círculos (o conjunto constante da fig. 8 é um caso típico). Portanto, alguns conjuntos das estações de arte rupestre que estamos estudando parece manifestarem práticas de culto solar, em muitos casos relacionadas com concepções mágico-religiosas em que os animais (*cervídeos* e *capríneos*, principalmente), também desempenhavam um papel importante (zoolatria). É uma hipótese que avançamos, cónscios embora da dificuldade das interpretações neste domínio da religião pré-histórica, dificuldade para a qual tanto têm chamado a atenção autores de que A. Leroi-Gourhan é, sem dúvida, o mais significativo.

Se alguma coisa podemos vislumbrar, neste momento, sobre cronologia e função do complexo do vale do Tejo, o mesmo não acontece relativamente às étnias e respectivos estádios culturais dos produtores

dos petróglifos; apenas não será lógico admitir que sejam atribuíveis a populações (e culturas) diferentes daquelas que ocuparam o território ocidental ibérico nas épocas que propusemos ao abordar a cronologia. Mas, se com mais expressão estão presentes, ao que parece, manifestações da 4.^a e 5.^a fases do círculo galaico-português, cujos motivos e conjuntos que os sugerem são abundantes, será a populações de origem indo-europeia que podemos atribuir a maioria dos petróglifos do complexo de arte rupestre em estudo, convindo recordar, neste momento, que o culto dos cervídeos se desenvolveu entre povos centro-europeus que se encontravam na Idade do Ferro (em Val Camonica, durante o 1.^o milénio a.C.), sendo o veado (animal várias vezes representado, principalmente nos bancos de Chão da Velha) considerado uma divindade nas regiões de influência céltica durante a 2.^a metade do 1.^o milénio a.C.

Mas confiemos nas interpretações mais precisas que certamente nos serão proporcionadas pelo programa de pesquisa constante da alínea que se segue.

5. MÉTODOS PARA UM LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DO COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO MÉDIO TEJO

Para que venha a ser possível o registo global dos dados que o complexo em estudo nos pode proporcionar — sobretudo as *formas* conseguidas, as *técnicas* empregadas, os *graus de desgaste* e as *pátinas* apresentados pelas gravuras e pelas rochas em que se inscrevem, bem como a relação de todos esses elementos entre si, e de cada um com o respectivo contexto — necessário se tornou, desde logo, definir um amplo programa de trabalhos e começar a treinar equipas nas especiais técnicas que requerem.

Essas equipas são as seguintes:

1.^a — *de exploração* — tem por incumbência prospectar os bancos de xistos e de granitos de toda esta área do curso do Tejo, bem como dos seus afluentes, cartografando as novas zonas de gravuras ru-

pestres que for detectando. Por outro lado, e mais genericamente, compete-lhe explorar todo o território dos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa, com vista a determinar o possível contexto arqueológico do complexo rupestre em estudo.

2.^a — *de fotografia* — procederá ao levantamento fotográfico dos conjuntos de insculpturas, realizando fotografias, à escala, de cada um dos mesmos, sobre cujos negativos se procederá, no gabinete, à elaboração de decalques; fotografias a cores, permitindo o registo das diferenças de pátina; fotografias estereoscópicas de cada rocha insculpturada, para se poder estudar os motivos enquadrados no relevo do suporte; fotografias, em secções maiores, dos mesmos bancos gravados, com vistas a um estudo das relações.

3.^a — *de moldagem* — utilizará uma borracha sintética líquida (Revultex), a qual permite obter uma cópia fiel das gravuras, de segura e objectiva consulta no gabinete, e ideal para a exposição em Museus. Sobre os moldes assim obtidos, pode estudar-se os graus de desgaste, as fases de sobreposição e as variações mínimas de técnica.

4.^a — *de topografia* — o levantamento topográfico dos núcleos de gravuras será feito por um topógrafo profissional, que trabalhará na escala de 1/1000. Precisada a localização de cada conjunto, tornar-se-ão claras as relações espaciais que apresenta com todos os outros, e a distribuição dos motivos ao longo do complexo. Ainda poderão, com o auxílio de um geólogo, ser cartografadas em tal levantamento as áreas sujeitas a um mesmo grau de erosão, o que muito poderá elucidar sobre a cronologia relativa das gravuras.

R É S U M É

Le 31 Octobre 1971, les auteurs ont découvert, dans la vallée du Tage, à 3 Km de Fratel (Castelo Branco), les premiers ensembles d'un riche complexe de gravures rupestres.

En Mai 1972 et mois suivants on a constaté que ce complexe s'étendait en aval sur une longueur de 13 Km.

On connaît actuellement les ensembles suivants (nommés d'après leur emplacement): Fratel, Chão da Velha, Gardete et quelques autres, soit isolés sur les deux rives du Tage, soit placés entre les deux premiers ensembles cités.

Les exemplaires d'art rupestre trouvés (quelques milliers de gravures) ont été produits en employant une technique de picotage (petroglyphes lithostitiques) sur des affleurements de schistes et grauwwakes. Les motifs représentés peuvent être groupés de la façon suivante: *géométriques — symboliques* (cercles, spirales, méandres, lignes droites et courbes, etc.); *zoomorphiques* (bovidés-Capra, cervidés, canidés, etc.); *anthropomorphiques*.

A titre provisoire les auteurs admettent que les plus anciens petroglyphes de ce complexe datent d'une période comprise entre le Néolithique et l'occupation romaine de la région, et les interprètent fonctionnellement comme une manifestation de cultes zoo-héliolatrics archaïques.

Etant donné que les affleurements qui présentent ces gravures seront inondés à la suite de la construction (en cours) du barrage de Fratel, on envisage la récolte aussi complète que possible de toutes les données présentées par les gravures en question, ayant recours au moulage, photographie et topographie, dans le but d'étudier les formes, les techniques de production employées, le degré d'érosion et les patines.

Le traitement statistique, entre autres, de tous les éléments mentionnés, parallèlement à la prospection sur le terrain, ayant comme finalité la détection de stations archéologiques associées à l'art rupestre de la vallée du Tage, contribueront plus efficacement pour une interprétation fonctionnelle et chronologique de ce complexe archéologique.

ABSTRACT

On October 31, 1971, the writers of this article discovered the first sites of a rich complex of rock-carving art, 3 Kilometres from Fratel — (Castelo Branco).

It stretches downstream as far as 13 Kilometers and was remarked in May, and again in the following months, 1972.

We now know those sites: Fratel, Chão da Velha, Gardete, and some isolated groups on both banks of the river between Fratel and Chão da Velha.

Those thousands of carvings were made with incisive instruments in points or dots, (*petróglifos litostíticos*) on schistous rocks.

Now we can identify the following motive groups: *geometrical symbolical* (circles, spirals, meanders, curved and straight-lines); *zoomóphics* (bovid, caprine, cervide, etc.) and *antropomophical*.

The writers believe that these «petroglyphos» were made from neolithic times down to the Roman occupation, and they represent the remains of archaic zoo-héliolatric worships.

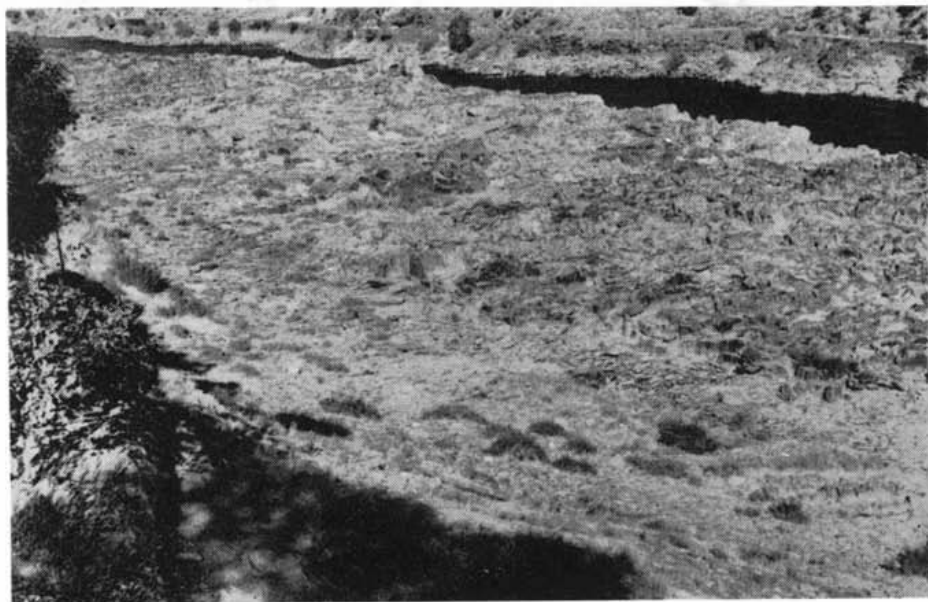
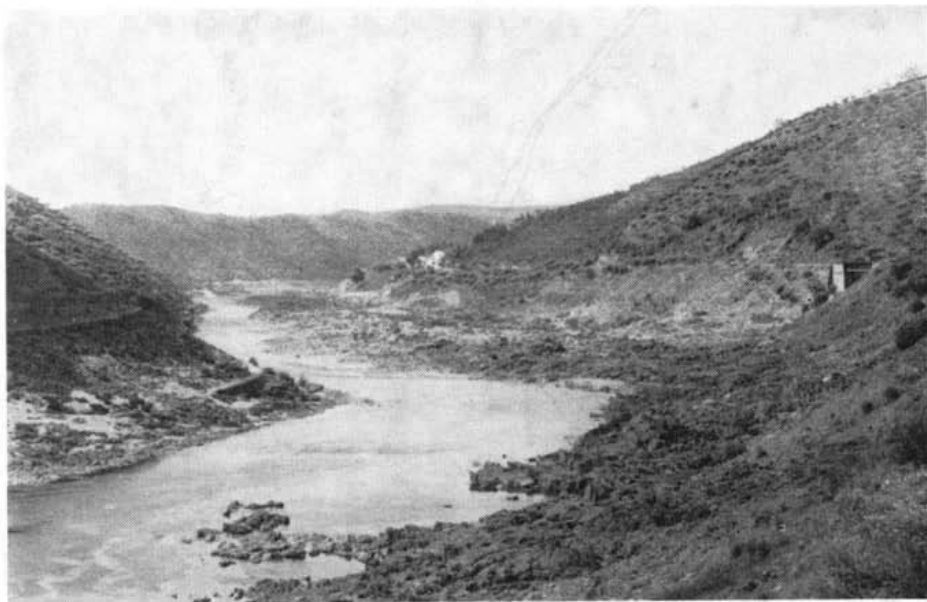
Before these banks were submerged by the waters of the river, on account of the work that has started on the new Fratel dam, the writers had hoped to obtain all the data concerning the «petroglifos» by mean of mouldings, photography and topography, in order to study the forms and technics used, degree of erosion and patines.

Statistics and other analyses concerning all the afore-mentioned elements, as well as the prospections carried out to find the archaeological sites associated with rock-carving art in the Tagus valley, will contribute more efficiently to the interpretation and chronology.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALIMEN, H., «Préhistoire de l'Afrique», Paris, Ed. N. Boubée et Cie, 1965.
- ALMAGRO, MARTIN, *El arte pre-histórico del Sahara Español*, «Ampurias», Vol. VI, 1944, pp. 263-284.
- Idem, *El arte rupestre naturalista del Levante español y el arte rupestre esquemático*, cap. VI de «El Paleolítico Español», «Historia de España», t. I-España Prehistórica, Madrid, Espasa Calpe, 2.ª ed., 1954, pp. 443-485.
- ANATI, EMMANUEL, «La Civilisation du Val Camonica», Arthaud, 1960, «Mondes Anciens».
- Idem, «La Datazione dell'Arte Preistorica Camuna», Breno, Ed Tipografia Camuna, 1963, «Studi Camuni».
- Idem, *L'arte rupestre galego-portuguese: evolução e cronologia*, «Arquivo de Beja», Vol. XXIII-XXIV, 1966-1967, pp. 51-122.
- BANDI HANS-GEORGE, HENRI BREUIL e outros, «L'Age de Pierre-quarante millénaires d'art pariétal», Paris, Ed. Albin Michel, 1960.
- BRÉZILLON, MICHEL, *L'Art rupestre postglaciaire*, «La Préhistoire», Paris, P.U.F., 1968, pp. 324-332.
- CORREIA, VERGÍLIO, *Pinturas rupestres de N.ª S.ª da Esperança (Arronches)*, «Terra Portuguesa», Vol. I, Lisboa, 1916.
- GELLING, PETER e HILDA ELLIS DAVIDSON, «The Chariot of the Sun and other rites and symbols of the Northern Bronze Age», Londres, J. M. Dent & Sons Ltd., 1969.
- GIRÃO, AMORIM, *Arte rupestre em Portugal (Beira Alta)*, «Biblos», Vol. I, Coimbra, 1965.
- GLORY, A., J. SANZ MARTINEZ e outros, *Les peintures de l'Age du Métal en France Méridionale*, «Préhistoire», T.X., 1948 pp. 7-135.
- HAGEN, ANDERS, «Les gravures rupestres en Norvège», Oslo, Johan Grundt Tanum Forlag, 1966.
- ISETI, G., *Le incisioni di Monte Bego, a technica lineare*, «Rivista di Studi Liguri», XXIII, 1957.
- JORGE, VÍTOR M. DE OLIVEIRA, *Estatuto epistemológico da paleo-antropologia cultural*. «Novas Perspectivas das Ciências do Homem», Lisboa, Presença, 1970, pp. 91-112.
- LEROI-GOURHAN, ANDRÉ, «Les Fouilles Préhistoriques (Techniques et Méthodes)», Paris, N. Boubée et Cie, 1950.
- MALHOMME, JEAN, «Corpus des Gravures Rupestres du Grand Atlas» (1.ª partie), Rabat, Service des Antiquités du Maroc, 1959, fasc. 13.

- RAADONIKAS, W. S., «Les Gravures Rupestres des Bords du Lac Onéga et de la Mer Blanche, 1.^o partie — les gravures rupestres du lac Onéga», Moscovo, Ed. Académie des Sciences de l'URSS, 1936.
- RIBEIRO, ORLANDO, e outros, «Carta Geológica de Portugal, na escala de 1/50 000 (folha 28-D-Nisa) — Notícia explicativa», Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1964.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, *Arte rupestre*, «Congresso do Mundo Português, I Congresso, (Pré-história e Proto-história)», Vol. I, Lisboa, 1940.
- Idem, *As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XIX, 2, Porto, 1963, pp. 111-144.
- SAVORY, H. N., «Espanha e Portugal», Lisboa, Verbo, S/d.
- SOBRIÑO BUHIGAS, R., «Corpus Petroglyphorum Gallaciae», Santiago de Compostela, 1935.
- VIANA, ABEL, *Insculturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço - Viana do Castelo, Portugal)*, «Boletim de la Comisión de Monumentos de Orense», Orense, 1960, pp. 209-231.



Figs. 2 e 3 — Os bancos xistosos da estação de Fratel



Fig. 4 — Perspectiva da estação de Chão da Velha (montante)



Fig. 5 — Círculo raiado (Fratel)



Fig. 6 — Círculo raiado e oval (Fratel)

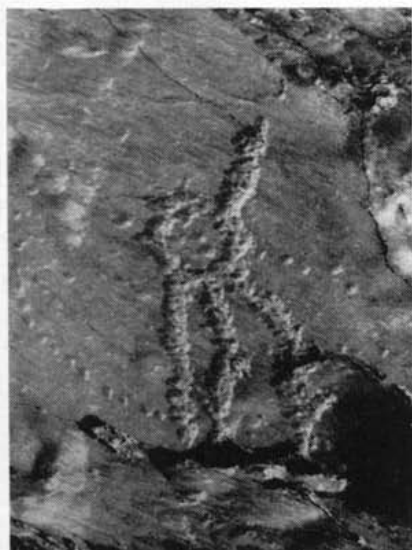


Fig. 7 — Petróglifo esquemático, de signi-
ficção ambígua (Fratel)

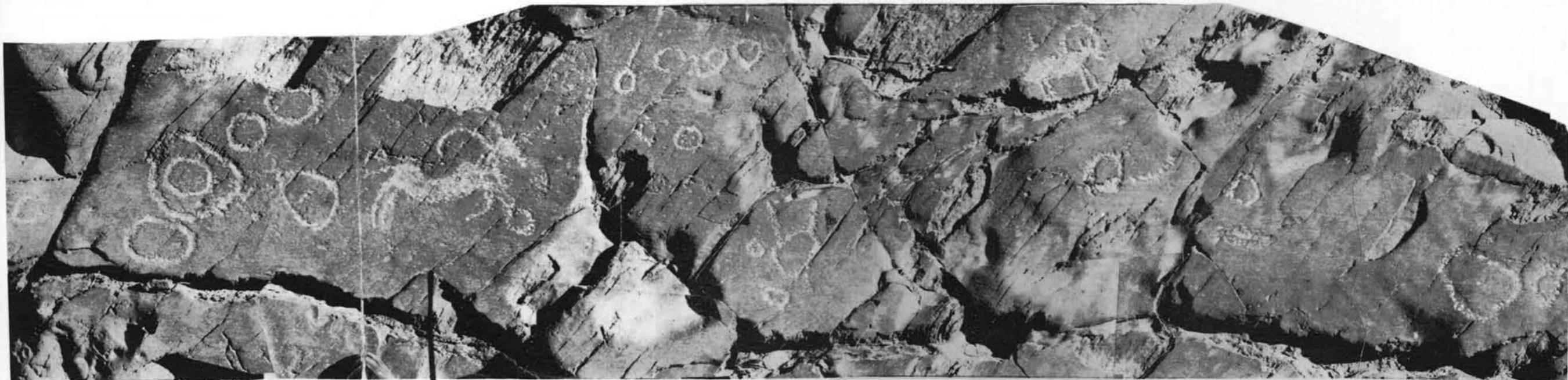


Fig. 8 — Um dos conjuntos de Fratel: motivos geométricos associados a dois motivos zoomórficos



Fig. 9 — Pormenor do conjunto anterior (*Capra ibex?*)

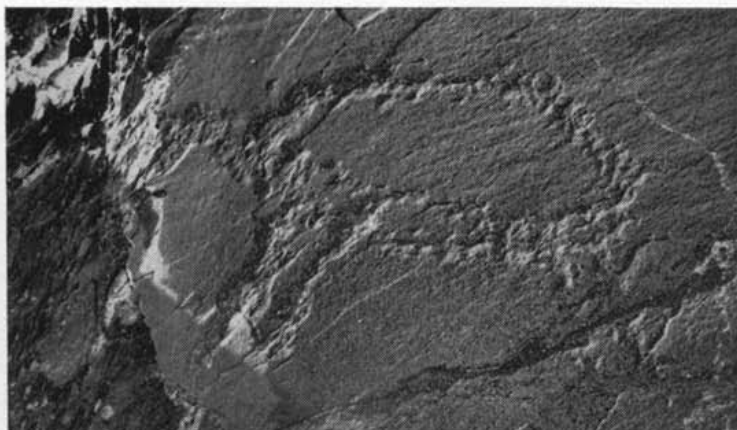


Fig. 10 — Motivo zoomórfico de Fratel

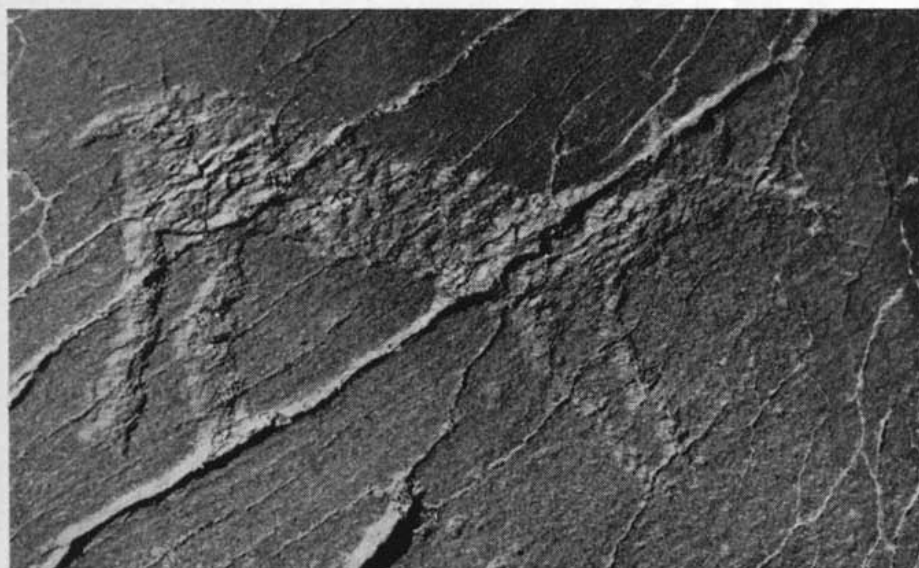


Fig. 11 — Canídeo? (Chão da Velha)



Fig. 12 — Motivo zoomórfico (Chão da Velha)



Fig. 13 — Motivo zoomórfico (Chão da Velha)

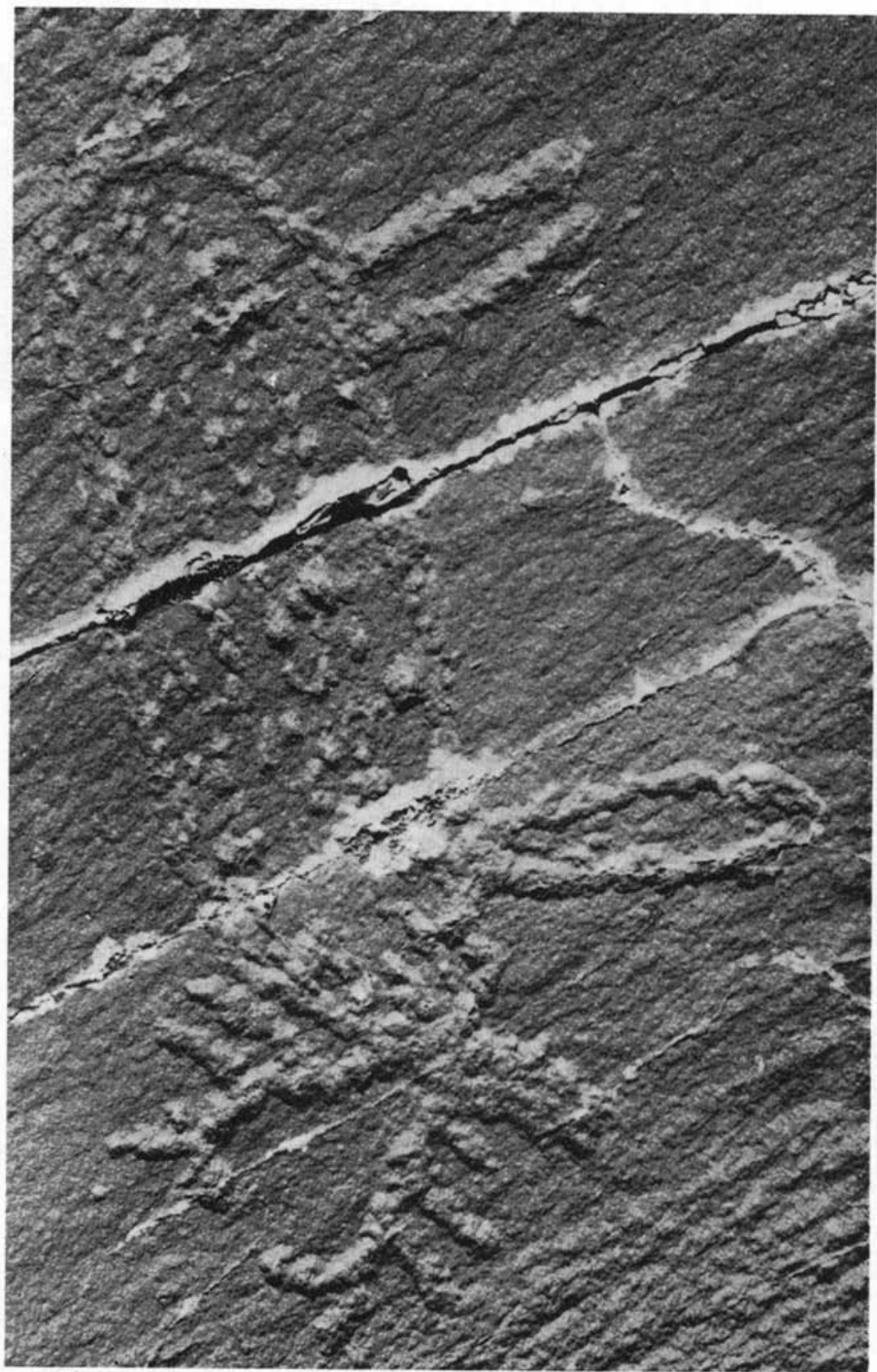


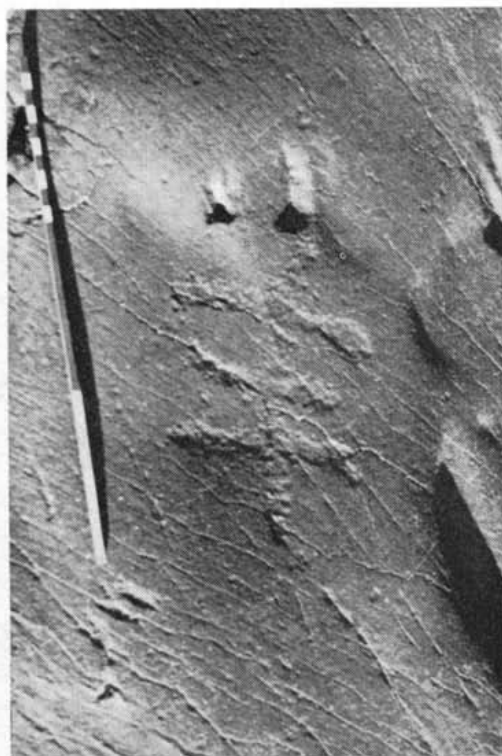
Fig. 14 — Cervídeo (Chão da Velha)



Fig. 15 — Motivos zoomórficos, entre os quais um ursídeo (Chão da Velha)



Fig. 16 — Figuras antropomórficas esquemáticas «ancoriformes» (Fratel)



Figs. 17 e 18 — Petróglifos antropomórficos esquemáticos (Fratel)



Fig. 19 — Figura antropomórfica sub-naturalista (Fratel)



Fig. 20 — Petróglifos antropomórficos associados a uma espiral e a outros motivos (Fratel)